



MORFOLOGIA E LÉXICO ATACAM AS PALAVRAS

MORPHOLOGY AND LEXICON ATTACK THE WORDS

Braulino Pereira de Santana¹

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo: A morfologia e o léxico atuam para preparar uma palavra para que ela seja deslocada de um lugar para outro na mente até chegar a uma sentença. Neste artigo, discutimos os esforços que cabem a cada um desses sistemas da língua para efetuar suas tarefas. Ao longo do percurso, observamos intersecções entre esses dois sistemas, e as funções que cabem a cada um deles individualmente.

Palavras-Chave: Morfologia; Léxico; Palavra; Projeção.

Abstract: *Morphology and lexicon act to prepare a word in order to move it from a place to another in the head until it gets to a sentence. In this paper, we discuss the efforts attributable to each of these language systems to perform their tasks. Along the way, we observe intersections between these two systems, and the functions individually attributed to each one of them.*

Keywords: *Morphology; Lexicon; Word; Projection.*

¹ brausp@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O léxico é uma lista de palavras que jaz na mente dos falantes. Quando afirmamos isso, estamos deduzindo que, no cérebro dos seres humanos, há um dicionário, um inventário de palavras. Dicionários como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) (doravante, Houaiss) e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004) (doravante, Aurélio), que inventariam um rol de palavras da língua portuguesa, podem ser tomados como uma lista pública, e a lista que pressupomos haver na mente dos falantes é parecida com a lista inventariada por esses dicionários.

Em nossas mentes, há palavras guardadas das quais pouco nos lembramos; há palavras que são usadas com mais frequência do que outras; há palavras que mantemos sob censura; há palavras adormecidas há muito tempo; existem palavras que podem fazer parte da mente de um falante e não constar da mente de outros – assim como há palavras no Aurélio não contidas no Houaiss e vice-versa.

Conhecer uma lista de palavras não é, no entanto, suficiente para por a língua que dominamos em uso: é apenas o ponto de partida. Somos dotados de capacidade genética para jogar com as palavras na construção das sentenças que acionamos no dia a dia da comunicação por intermédio de uma língua, ou seja, dominamos regras de combinação de palavras.

O jogo começa quando retiramos uma palavra do nosso dicionário mental e a dispomos numa sentença. Suponhamos que estamos procurando uma palavra no dicionário Aurélio para a utilizarmos numa sentença de um texto que estamos escrevendo. Essa palavra é um verbo. Como sabemos, os verbos estão dispostos no Aurélio em sua forma infinitiva, tal como o verbo [amar]. Para utilizarmos esse verbo na sentença que estamos elaborando, é necessário que ele sofra um ‘ataque’ gramatical. Numa sentença como *Joana ama Márcia*, o verbo *amar* sofreu um ataque gramatical nos seguintes termos: foi conjugado no presente; assumiu a terceira pessoa para concordar com o sujeito *Joana*; está no singular, pois o sujeito também está no singular; assumiu uma forma declarativa, ao invés de uma forma condicional, como na sentença *Que Joana ame...* Temos como hipótese que, na mente, quando acionamos uma palavra para uso, ocorra um processo parecido: as palavras estão em estado de dicionário – no nosso caso aqui, estado de dicionário mental. Sacamos, então, a

palavra, empreendemos ataques gramaticais, como exposto acima, e construímos sentenças.

Vamos pressupor que na mente exista um *limbo lexical*. Um lugar onde as palavras estão em repouso – parecido com o repouso das palavras no Houaiss e no Aurélio – para que sejam acionadas quando precisarmos delas em algum momento. Adormecidas em nosso cérebro, são acordadas e dispostas para o uso a partir de determinados mecanismos mentais. Vamos propor dois deles aqui: o princípio da projeção semântica e o princípio da projeção gramatical.

As palavras são projetadas, alçadas, retiradas do limbo lexical e dispostas numa frase. Uma palavra como *banco*, por exemplo, guardada no dicionário mental, é projetada numa sentença da língua portuguesa. No caminho que vai do limbo lexical em direção a uma sentença, é preciso que ela chegue ‘inteira’ semanticamente. Se procurarmos no dicionário Aurélio o significado básico dessa palavra, não seremos capazes de identificá-lo, dado que, para ela, o Aurélio elenca uma série de sentidos: instituição financeira; um móvel sem braço onde as pessoas sentam; um verbo, como na sentença *eu banco essa mulher*; um empecilho para navegantes, como na sentença *um banco de areia encalhou o barco*. Vamos chamar esses vários sentidos de traços semânticos.

Ora, para que ela seja projetada numa sentença como *Serafina sentou-se no banco da praça e deu comida aos pombos*, somente um desses traços é projetado, qual seja, o traço *móvel sem braço onde as pessoas sentam*. O falante, portanto, aciona esse traço e apaga momentaneamente todos os outros para delimitar aquele que seja necessário para construir a sentença com a personagem Serafina. Os outros ficam em repouso no limbo lexical, em forma latente, e serão acionados em uma outra sentença, para um outro contexto de uso.

Observamos até agora o princípio de projeção semântica sendo acionado. O princípio de projeção gramatical será acionado de forma parecida. A palavra *banco* será usada como substantivo na sentença com a personagem Serafina, e não como um verbo, como na sentença acima *eu banco essa mulher*; será acionado no singular, diferente de sentenças como *Serafina viu os bancos da praça, e eles são feitos de alumínio*. A gramática vai acionar traços que os linguistas chamam de categoriais: número; classe gramatical: substantivo, verbo etc; enquanto a semântica vai acionar traços de sentido, relacionados ao significado da palavra. Os mecanismos de projeção gramatical atuam acionando padrões, regularidades, como por exemplo: há uma regularidade em termos de número em língua portuguesa – a ausência ou presença de um [-s] é capaz de dizer se

uma palavra está no singular ou no plural. Como também há irregularidades: o gênero em língua portuguesa é altamente irregular, dado que o falante terá que aprender se o gênero de uma palavra é masculino ou feminino palavra a palavra, já que somente 4,5% das palavras da língua portuguesa mantêm regularidade como no par *menino/menina* (ROCHA, 1998). O restante dos substantivos é de gênero único, como *a tribo, o pente, a máquina, o amante, a amante, a parede etc.*

Ao projetar palavras numa sentença, é certo que os falantes têm conhecimento de duas coisas: eles sabem que possuem uma lista de palavras em suas mentes (o léxico) e sabem também que precisam jogar com regras de estrutura de palavras para formar novos itens, para aumentar a lista e para entender novos itens que nunca tenham ouvido antes (morfologia). A seguir, vamos delinear intersecções entre léxico e morfologia na criação e recriação de palavras que projetamos nas sentenças.

1 INTERSECÇÕES ENTRE MORFOLOGIA E LÉXICO

Em variados estudos relativamente consensuais (BLOOMFIELD, 1933; CÂMARA JR., 1970; ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1980; VILLALVA 1998), a Morfologia, por ser parte da gramática, e lidar com questões estruturais, trata da estrutura interna de palavras simples e complexas (BLOOMFIELD, 1933; CÂMARA JR., 1970), reais e potenciais (ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1980; VILLALVA, 1998) de uma língua. Essas palavras até podem não existir ainda, mas todas precisam se adequar à estrutura morfológica da língua sob o risco de não conseguir existir como palavra.

O conceito mais comum sobre Léxico diz respeito a uma lista de itens que existem na língua, itens que um falante precisa conhecer, e tem que estocar, por serem signos arbitrários, idiossincráticos e muitas vezes imprevisíveis – não presumíveis de alguma forma.

Muitos dos itens da lista são palavras, embora o léxico também contenha unidades maiores como expressões idiomáticas, lexemas e unidades lexicais, como também unidades menores como afixos – vamos assumir provisoriamente que palavras, expressões idiomáticas, lexemas, unidades lexicais e afixos sejam tipos de entrada lexical.

Nesses termos, à primeira vista, a morfologia pode parecer dar conta das regularidades, enquanto o léxico – das irregularidades. E como também

podemos imaginar os dois tendo muito pouco a ver um com o outro, já que a morfologia trata de palavras potenciais e o léxico, somente de palavras que existem, itens concretos, aqueles listados num dicionário – real ou virtual. Na verdade, os dois sistemas têm muito a ver um com o outro, por três razões:

- a) A primeira é que eles servem ao mesmo papel numa língua: ambos lidam com entradas lexicais.
- b) A segunda razão é que a morfologia e o léxico são interdependentes. A morfologia, que forma palavras a partir de palavras, encontra as palavras com que opera (e suas bases) no léxico; assim como o léxico se beneficia dos princípios que o estruturam, princípios delineados em teorias morfológicas.
- c) A terceira é que o léxico e a morfologia também se articulam em torno de elementos mínimos que compõem as entradas.

Muitas vezes, essas intersecções têm levado alguns linguistas a hierarquizar o léxico num nível mais acima, enquanto a morfologia num nível mais abaixo, e pressupor que a morfologia está no léxico (JENSEN e STONG-JENSEN, 1984; ARONOFF, 2001), embora, ao dizer isso, esses linguistas estejam usando o termo *léxico* num sentido mais amplo e diferente, significando a fonte de todas as entradas, reais e potenciais, ao invés de um sentido estrito – uma lista de itens² não presumíveis que herdamos da gramática tradicional e de procedimentos das teorias estruturalistas *a la* Bloomfield.

Por se fixar num mesmo escopo de interesses, mas por abordá-lo a partir de metodologias próprias, podemos dizer que, mesmo tendo as entradas lexicais como objetos comuns de suas pesquisas e análises, morfologia e léxico recriam este mesmo objeto sob perspectivas diversas, até mesmo contrastantes.

Como acontece com quaisquer entidades que compartilham uma tarefa, a morfologia e o léxico nem sempre agem de forma a chegar a denominadores comuns em torno do objeto de suas pesquisas e análises: morfologia e léxico muitas vezes compartilham tarefas diferentes. Esse compartilhamento desempenha papel central no sistema mais amplo da língua.

Para captar a recriação de seu objeto, vamos considerar a atuação de um simples falante/ouvinte. Quando falamos de léxico sob a perspectiva do falante/ouvinte, estamos falando do léxico mental ou virtual, a lista de entradas

² Item neste trabalho tem a mesma acepção que *entrada lexical*.

irregulares de que o falante/ouvinte tem conhecimento, armazenada na memória, e precisa estocar de uma forma ou de outra (mais abaixo, alguns *insights* sobre estocagem).

Primeiramente, vamos investir na definição de itens que existem e itens potenciais em termos do léxico mental ou virtual. Diremos que qualquer entrada lexical faça parte do léxico mental de nosso falante/ouvinte, ou a lista de entradas irregulares componha o léxico mental, ou de fato exista em termos funcionais, e que nenhuma outra entrada mais exista para ele. Assim, um item que possui todos os critérios para ser uma entrada real numa língua, por não estar armazenado no léxico mental do indivíduo, não existe para essa pessoa, embora possa existir para um outro falante/ouvinte ou para uma outra comunidade de fala.

A assertiva de Basílio (1980) e de Rocha (1998), de que um dicionário não é um bom lugar para descobrir se uma palavra existe ou não, dá conta provisoriamente da busca pela existência de um item: há num dicionário itens desconhecidos pelos falantes, e há itens conhecidos pelos falantes que não estão listados num dicionário, por exemplo.

O item não listado, tanto na memória do falante quanto num dicionário público como o Houaiss, é uma entrada em potencial, e diremos que entradas potenciais complexas ou simples, bem formadas morfologicamente, são fornecidas pela morfologia, mas não pelo léxico. Nesses termos, a ideia convencional de que palavras que existem numa língua como o português, por exemplo, compreendem todas as palavras do dicionário Aurélio ou Houaiss, ou algum outro dicionário da língua portuguesa, não se aplica a esse modelo de léxico e morfologia. “A diferença entre palavras que existem e palavras em potencial é definida somente em termos do léxico do indivíduo e em termos da morfologia” (ARONOFF, 2001, p. 238)³.

Ressalta-se, nessas alturas, que, mesmo que o falante/ouvinte tenha entrado em contato, falado ou ouvido (ou lido) uma entrada antes, se essa entrada não tiver sido estocada, contudo, no léxico mental da pessoa por alguma razão, então ainda se trata de algo em potencial, em vez de uma entrada que exista, até que o léxico mental a tenha capturado.

Como e quais entradas são estocadas no léxico de um falante/ouvinte? Vamos investir em ‘quais’ nos parágrafos abaixo e deixar o ‘como’ de lado, por

³ *The difference between which words exist and which are potential is defined solely in terms of the individual's lexicon and morphology.* As traduções ao longo deste artigo são nossas.

exigir um trabalho teórico mais exaustivo, e não há espaço para isso neste artigo.

De início, uma entrada será estocada quando contiver ao menos um morfema com uma informação semântica compartilhada. Tome-se, por exemplo, a entrada ?[áua] (água). Ela não possui estrutura morfológica aparente e não existe no mundo de fala adulto – é uma entrada do mundo da fala infantil. Alguém que tenha ouvido essa (?)palavra, mesmo em um contexto em que o seu sentido esteja claro, deve armazená-la em sua memória a fim de usá-la novamente, só assim será estocada no léxico mental do ouvinte.

De uma forma similar, uma entrada complexa morfológicamente terá dificuldade em ser estocada se um pedaço dela for desconhecido para o ouvinte. Um exemplo desse tipo é [aguardente], composta por [água] mais [ardente]. Suponha-se que um dos seus componentes [ardente] seja desconhecido, mas o outro [água] não seja, assim, então, novamente, devemos memorizar a palavra em sua inteireza se quisermos reusá-la com o mesmo sentido, mesmo se pudermos deduzir seu sentido do contexto em que a ouvimos antes. Como raramente temos acesso aos mesmos contextos de funcionamento dos itens a cada vez que falamos ou ouvimos, essa suposta palavra de pedaço desconhecido deve ser colocada no léxico.

Todos os componentes estruturais de uma entrada devem ser conhecidos para que o seu sentido possa ser deduzido a partir deles, e possa, dessa forma, ser estocada. Estamos deixando de lado, por uma necessidade metodológica, concepções funcionais sobre a língua. Uma palavra será armazenada no léxico se o falante/ouvinte cobrir uma rede de traços semânticos exaustiva para que ela seja útil mais adiante para ele, só assim a entrada fará parte do estoque.

Somente a organização e a estrutura não dão conta das necessidades cognitivas de armazenagem. Tome, por exemplo, uma entrada como [pé-de-moleque]. Tanto [pé] quanto [de] e [moleque] são familiares, mas o sentido da entrada completa não tem nada a ver com o sentido de suas partes, até mesmo aqui o nosso falante/ouvinte precisa lançar mão do estoque lexical a fim de ter uma esperança de reusar a palavra: se uma palavra não é previsível a partir de seus pedaços constituintes, deve ser estocada no léxico.

Por contraste, considere a entrada [nacionalização], de circulação quase universal em variadas comunidades de fala pelo Brasil. A sua leitura semântica pode ser deduzida a partir de sua estrutura, a partir dos pedaços menores que a compõem. A soma semântica desses pedaços é capaz de se agrupar de tal

maneira para formar um todo semântico. Ela pode ser desmontada em partes menores, mas que englobam um mesmo espectro semântico: se retirarmos [-ização], por exemplo, o restante [nacional] ainda assim preserva um traço semântico contido em [nacionalização], a entrada completa. Para capturar o significado de uma entrada como [comercialização], o falante empreenderá esforços morfológicos parecidos com aqueles que ele utiliza para a entrada [nacionalização], por exemplo. Nesses termos, a morfologia é acionada.

Podemos deduzir seus pedaços componentes, eles são, digamos, legíveis: [nação], e [-al] (que forma adjetivos a partir de substantivos); [-izar] (que forma verbos a partir de adjetivos em língua portuguesa); e logo depois [-ção] (que forma substantivos abstratos). O seu significado é, nas palavras de Aronoff (2001, p. 239), “transparente”, e pode ser parafraseado grosseiramente como *ato ou fato de fazer algo ser nacional, tornar-se ou tornar algo nacional*. A transparência admitida por Aronoff não advém simplesmente da somatória dos seus pedaços componentes, apesar de podermos dizer isso também, mas de uma conjunção hierarquizada de seus constituintes. Nas palavras de Serafina Pondé, ditas em conferência, filtra-se o seu significado a partir de um trabalho de “fricção semântica” entre esses pedaços que se juntam para formar um todo.

Vamos a um outro dado para ilustrar como morfologia e léxico se complementam no estudo dos itens: o plural em línguas como o inglês e o português, por exemplo, marcado por meio de afixos indicativos de número – sua ausência em [jornalista], marcando o singular; sua presença em [jornalista-s], marcando o plural. O falante não precisa estocar o item em si (como ele faz quando estoca os itens de uma lista do léxico), mas aplicar um padrão (presença de afixo X/ausência de afixo X) para os itens. A aplicação do padrão é de interesse central em morfologia.

Sendo o sentido real de uma palavra não divergente de seu sentido previsível, deduzido a partir de seus pedaços componentes dados por sua morfologia, não há necessidade de essa palavra ser listada no léxico como se ela fosse estranha ao falante ou idiossincrática. Lidando com suposições, vamos dizer que o falante nunca tenha ouvido/lido antes a palavra [nacionalização], mas já tenha estocado no léxico a palavra [nacional]; a partir disso, ele pode assumir um significado para a palavra [nacionalização], já que o componente morfológico da gramática do falante/ouvinte está apto a processá-la inteiramente. Assim, essa entrada está pronta para entrar no léxico. Vemos que há uma passagem da morfologia ao léxico, nessa linha de argumentação. Em

tempos relativamente recentes, estivemos às voltas com a entrada [malufar] – há entradas mais atuais ainda do que essa, como [googlar] e [bullyngar]. Ninguém precisou recorrer ao dicionário para presumir o seu significado – nem no dicionário possivelmente encontraríamos essas entradas. A morfologia – o jogo com o padrão – foi acionada para estabelecer traços semânticos contidos nessas entradas.

A palavra será, portanto, falada, ouvida, e mais provavelmente descartada em todas as partes, talvez seja criada e descartada novamente, mas não necessariamente estocada, ao menos se usada em algum sentido especial que não seja previsível a partir da morfologia.

A partir de deduções como essas, foi possível empreender esforços nos anos setenta para estabelecer tentativas de morfologia gerativa baseadas em regras ou padrões, prever a possível criação de novas palavras, deduzir possíveis bloqueios de criação de outras e assim por diante. O problema nessas propostas é que um item de vocabulário (entradas lexicais) não existe sozinho no universo da língua, já que a aquisição dos itens de vocabulário pelas crianças é também determinada pela sintaxe.

Vimos o que cabe e o que não cabe à morfologia e ao léxico. Constatamos que a morfologia lida com regularidades e com potencialidades de criação de novas palavras a partir de padrões, como também lida com a inteligibilidade de entradas novas ou recentes ao jogar com os padrões de uma língua; enquanto cabe ao léxico, como uma lista de entradas, lidar com as irregularidades e com os elementos idiossincráticos.

Agora, como morfologia e léxico estão interrelacionados? Para ver como eles se relacionam, vamos observar determinados casos em que tanto uma quanto o outro interagem para explicitar as potencialidades gramaticais de uma entrada lexical. Vamos começar com um caso simples, aquele da categoria gênero linguístico em substantivos do português.

A categoria gênero linguístico provém, na maioria dos casos, do léxico; em poucos outros casos, da morfologia. O gênero virá do léxico se não houver marca afixada ao substantivo que identifique o seu gênero, no caso, [-a] para o feminino, e [-o] para o masculino (há outras marcas de gênero em língua portuguesa, mas vamos etiquetá-las todas como traços disponíveis para essas marcas aqui). Nesse caso, vamos chamar de irregular, e será estocado lá no léxico mental por conta de sua irregularidade, como [o pente] e [a tribo], e virá da morfologia no caso de ser, digamos, regular, como [gat-a] e [gat-o].

Mas agora surge uma questão. Se uma palavra tem um gênero irregular estocado no léxico, por que ela também não tem um gênero regular, provindo da morfologia? Nesse último caso, como um falante sabe que não deve dizer *[o tribo] ao invés de dizer [a tribo], ou dizer ambas as formas? Ou por que o falante às vezes não diz uma forma, e outras vezes, a outra forma? Algo deve estar evitando a morfologia de produzir, por precaução, o gênero regular para a mesma palavra que existe no léxico, mas de gênero irregular.

O mesmo pode ser dito a respeito dos verbos irregulares do português. Uma pessoa que sabe que o passado de [fazer] é [fiz] (um fato que deve ser estocado no léxico) não dirá *[fazi], embora uma criança ou alguém nos primeiros estágios de aquisição do português como segunda língua possa dizer *[fazi] porque a criança ou o estudante não tenha aprendido ainda a forma [fiz]. Léxico e morfologia juntam suas forças para garantir que uma forma seja usada, e a outra nem faça parte da gramática do falante.

O falante, de alguma forma, filtra os itens em seu cérebro antes de pronunciá-los. Para a questão levantada por Aronoff (2001, p.239), “o falante/ouvinte de alguma maneira checa o léxico para ver se uma palavra está lá, e somente recorre à morfologia se não encontra nenhuma”⁴ – vamos admitir que sim. Saber como isso acontece vai ser nossa preocupação nos parágrafos abaixo. Para isso, vamos nos basear no artigo *Morfologia e Léxico*, de Aronoff & Anshen (2001).

Podemos investir nessas questões lembrando algo fundamental na semântica de uma língua: a noção de sinonímia. Não vamos explorar propostas da semântica lexical sobre o conceito de entrada lexical em termos de sinonímia – vamos usar essa noção apenas como ponto de partida. Os falantes tendem a não ser rebarbativos, repetitivos, circulares, e evitam a sinonímia, embora nem sempre, ao constatarmos que itens como *[fazi] e [fiz] podem compartilhar uma mesma comunidade de fala.

O aprendiz do português como segunda língua e a criança pronunciam, por vezes, *[fazi]; e deduzimos, nesse caso em especial, que eles acionaram padrões morfológicos para produzir uma entrada altamente problemática *[fazi].

Na maioria dos casos, contudo, o falante usará uma palavra a partir de seu léxico ao invés de recorrer à morfologia para produzir uma nova palavra

⁴ Does the speaker/hearer somehow check the lexicon to see if a word is there, and only resort to the morphology if there is none?

com o mesmo significado. Esse fenômeno, “(...) a não ocorrência de um item devido a simples existência de um outro”⁵ (ARONOFF, 1976, p.43), é chamado de *bloqueio*, e seus efeitos podem ser vistos não somente na flexão, mas também na derivação: uma palavra como *[desmorreu], por exemplo, formada por [des-] e [-morreu], será bloqueada por [ressuscitar], que já existe no léxico de um falante. Podemos dizer que o trabalho do bloqueio é tornar *[desmorreu] inaceitável, porque outra palavra [ressuscitou] com o mesmo sentido, adequada a um mesmo contexto, é perfeitamente previsível, e já existe estocada na mente do falante/ouvinte, que a aciona para uso.

Podemos ver que [desmatou], estruturalmente análoga a *[desmorreu], é perfeitamente aceita, por não haver supostamente uma outra palavra para bloqueá-la. Segundo Aronoff (2001, p.242), “Os efeitos do bloqueio são também sentidos na sintaxe, em que uma palavra que existe bloqueará, às vezes, um sintagma inteiro, como pioneiramente notou Hoffman (1982)”⁶. Não encontramos, por exemplo, *[homem da vida], sintagma usado no português num sentido estruturalmente paralelo a [mulher da vida], mas semanticamente inaceitável, por causa da existência de sinônimos como boy/prostituto/garoto de programa. Como o exemplo demonstra, a sinonímia exata, fenômeno raro numa língua natural, é crucial para a expressão *[homem da vida] poder de fato ser usada – ela não pode ser sinônimo de [boy/garoto de programa/prostituto]: será que uma *mulher da vida* pode vir a significar, paralelamente, a mesma coisa que um **homem da vida*?

A noção de bloqueio é uma tentativa sofisticada, retomada por Aronoff (1976), para captar dificuldades ou até mesmo impossibilidades que os falantes têm em criar novas palavras. Segundo ele, repetindo, “a não ocorrência de um item devido a simples existência de um outro”, que possa ser usado em mesmos contextos, sem perdas semânticas significativas, capta a noção de bloqueio.

Rocha (1998, p.138) propõe quatro tipos de bloqueios para a língua portuguesa: o paradigmático, o heterônimo, o homofônico e o parônimo.

- a) Bloqueio paradigmático: quando um item existe em uma língua e está disponível para uso, consagrado por uma tradição, “(...) diremos que muitas vezes não se cria uma determinada palavra pelo simples fato de já haver uma outra correspondente, com o mesmo sentido e/ou função” (ROCHA, *op. cit.*,

⁵ *Blocking* is the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another.

⁶ *The effects of blocking are also felt in syntax, where an existing word will sometimes block an entire synonymous phrase, as Hoffman (1982) first noted.*

p.141). É o caso de bambuzal, cuja *casa lexical*, já preenchida, não fomenta a necessidade de o falante criar algo nos termos (?)*bambual*, (?)*bambuano*, (?)*bambuário*.

- b) Bloqueio heterônimo: alguns itens não são criados na língua pela simples existência de outros, que os bloqueiam. Rocha (*op.cit.*, p.141) cita alguns:

terra	(?) terreiro	(bloqueado por agricultor)
unha	(?) unheiro	(bloqueado por manicure)
lua	(?) lueiro	(bloqueado por astrônomo)

- c) Bloqueio homofônico: aspectos fonéticos vetando um novo item. Rocha (1998, p.141) elenca, dentre outros:

sala	(?) saleiro	(bloqueado por saleiro – recipiente onde se coloca o sal)
cobre	(?) cobreiro	(bloqueado por ‘cobreiro’ – doença)

- d) Bloqueio parônimo: a língua apresenta parônimos que bloqueiam o surgimento de um outro item. Ainda Rocha (*op.cit.*, p. 141):

cabelo	(?) cabeleiro	(bloqueado por cabeleireiro – base ‘cabeleira’)
vidro	(?) vidreiro	(bloqueado por vidraceiro – base ‘vidraça’)

A sinonímia de uma forma ou de outra sempre está envolvida na noção de bloqueio. Em português, *férias* não significa uma extensão no plural de *féria* precisamente porque esta palavra se refere, dentre outros sentidos, segundo o Aurélio (*op.cit.*, p.887), a “dia semanal, jornal ou salário de trabalhadores”; enquanto que a primeira significa, dentre outras coisas, “dias em que se suspende o trabalho para descanso”. É tanto que esses dois itens têm entradas diferentes no Aurélio, contrastando, por exemplo, com ‘jornalista’, que possui uma entrada somente no Aurélio, sem ser explicitada a sua extensão no plural.

Segundo Aronoff (2001, p. 240), “A descrição mais convincente de por que o bloqueio ocorre é a de Horn (1984, 1993), baseada em princípios gerais de economia de expressão”⁷.

Não somente questões estruturais, como aponta Rocha (*op.cit.*), acima, estão envolvidas na noção de bloqueio, mas também podemos constatar pressupostos cognitivos envolvidos. Quando um falante “se esquece”

⁷ *The most cogent account of why blocking occurs is Horn’s (1984, 1993), based on general principles of economy of expression.*

temporariamente de uma entrada como [amante], por exemplo, suporíamos que essa pessoa poderia, então, usar, num mesmo contexto, a palavra *[amador], pois, nesse caso, em sua mente, [amante] estaria bloqueada por questões de memória, nervosismo etc.

Essa suposta falha de bloqueio é especialmente comum em crianças, que cunham novas palavras quase que livremente, pois o seu vocabulário não está tão bem fixado como o dos adultos. Uma criança articulada pode usar palavras como *[fazeu] e *[desmorreu] numa conversa, sem hesitar.

O bloqueio é também subjetivo por um outro fator psicológico: a familiaridade ou sua contraparte mais facilmente mensurável, a frequência. Em geral, uma forma irregular usada com mais frequência é mais recorrente no repertório vocabular de uma pessoa do que a forma regular.

Em certas comunidades de fala, por exemplo, a forma nominal de particípio do verbo *falar* é abundante, convivendo, em contextos bem parecidos, [falo] e [falado], em expressões como: “Ela tinha *falo*” e “Ela tinha *falado*”. Geralmente a escola consegue bloquear *falo* como um particípio, fazendo correções constantes da fala dos alunos.

O efeito da frequência pode ser detectado não somente experimentalmente (PINKER and PRICE e outros, 1991), mas também nas *super-regularizações* das crianças, como Bybee and Slobin (1982) demonstraram para os verbos irregulares do inglês. Os modelos de bloqueio mais amplamente aceitos levam a frequência em consideração, que lida com a noção pragmática de processamento. De acordo com esses modelos (MACWHINNEY, 1975; ARONOFF e ANSHEN, 1988; PINKER e PRINCE e outros, 1991), a busca por uma palavra pode ser vista como a corrida entre o léxico mental e a morfologia: ambos operam simultaneamente.

1.1 Quando a morfologia se apropria do léxico

Podemos reduzir os modelos morfológicos a uma linguagem formal. A entrada lexical [nacionalização] pode ser vista a partir de sua redução a uma linguagem abstrata, formal, como [X]s al]adj izar]v cão]s. Essa fórmula matemática pode ser lida como:

[X], base, (s) substantivo; [al], afixo que forma (adj) adjetivo; [izar], afixo que forma (v) verbo; [cão], afixo que forma (s) substantivo.

Se observarmos mais de perto as palavras que se enquadram nesse modelo, vemos o efeito da morfologia. Vamos limitar o nosso olhar ao padrão geral já mencionado para um deles mais ligeiramente em particular, aquele no qual o adjetivo é de tipo [X]ado (por exemplo, calçado, culpado, apressado). Se o modelo fosse completamente independente do léxico, poderíamos então esperar descobrir que qualquer adjetivo da forma [X]ado poderia servir como base de uma palavra atestada na forma [X]adinho. Temos acesso a uma ampla lista de palavras do português, compilada dos dicionários Houaiss e Aurélio, contendo mais de 100 entradas cada um desses dicionários. Entre essas, aproximadamente 90 palavras na forma [X]ado mas somente 50 palavras na forma [X]adinho, o que indica que essa regra em particular não é muito produtiva. Dessa forma, não vamos encontrar listadas as seguintes palavras – embora todas elas tenham sentido facilmente deduzível – *enxadazinha, *saladinha, *macarronadinha, *aladazinha. É bom estarmos atentos à diferença entre não listado e não existente: uma entrada pode não ser listada num dicionário, mas isso não significa ou impede que ela não possa existir (no mínimo, virtual ou potencialmente).

Não podemos, claro, generalizar diretamente, a partir de um dicionário amplo, para o léxico mental, mas os dados de dicionários desse tipo, que podem ser repetidos para muitos outros modelos nos quais um sufixo é anexado a um outro, sugerem que a produção real de palavras morfologicamente complexas é feita ao se aplicar amplamente regras morfológicas (adicionando afixos) a palavras-base que existem de fato, e que são estocadas no léxico mental de um falante.

Um outro indicativo de que regras morfológicas operam sobre palavras no léxico é a herança da irregularidade – a morfologia manipula o léxico. O tipo mais comum de irregularidade herdada é a semântica. Entradas complexas geralmente possuem sentidos convencionais que diferem ligeiramente, ou absolutamente (é o caso de *pé-de-molque*) de seu sentido pré-concebido.

Consideremos a palavra *mensurável*. Julgando suas partes, ela deve significar *aquilo que pode ser medido*. O advérbio formado a partir dela, *imensuravelmente*, carrega, dentre outros traços semânticos, os traços *grandemente*, *muito*, em expressões como “Eu me beneficieei imensuravelmente de sua assistência”. Um outro exemplo é *naturalizar*, que pode significar *tornar natural*, mas que tem um número de sentidos especializados, incluindo “conferir direitos a um cidadão (um estrangeiro)” e “adaptar (uma planta ou

animal) a um novo meio-ambiente". O substantivo *naturalização*, derivado desse verbo, possui derivados nominais dessas duas palavras como significado por ser formado pelo verbo real no léxico com todos os seus sentidos especializados. Ademais, para a maioria das pessoas, o sentido mais familiar do verbo é "conferir os direitos de cidadão a alguém (um estrangeiro)", o sentido mais saliente do substantivo para a maioria das pessoas, e baseado naquele sentido do verbo.

Para concluir, vimos que a morfologia é distinta do léxico (ao menos se, por léxico, queremos dizer o léxico mental de formas não previsíveis de um falante/ouvinte), e que a morfologia e o léxico são fontes rivais das palavras. A morfologia depende do léxico, entretanto, porque as bases de palavras morfologicamente complexas são normalmente entradas lexicais.

Em concordância com a professora Sônia Borba, podemos dizer que a morfologia é o domínio **previsível** das entradas, enquanto o léxico pode ser concebido como um domínio **realizado** das entradas lexicais.

1.2 Entrada lexical e produtividade morfológica

A produtividade morfológica pode ser definida de maneira informal como a extensão daquilo que um afixo particular provavelmente é, para ser usado na produção de novas palavras na língua. Sob esse ponto de vista, a produtividade é um *continuum* probabilístico que prevê o uso de palavras potenciais. No fim do *continuum* estão os afixos não produtivos ou completamente mortos (fossilizados), que não são, dessa forma, para ser usados em todas as novas palavras cunhadas.

Um exemplo disso, cunhado por Rocha (1998), é o sufixo [-ebre], considerado um fóssil improdutivo na língua portuguesa, enquanto alguns outros sufixos, como [-dor], [-eiro] e [-nte], são relativamente produtivos em português contemporâneo.

Alguns linguistas tratam a produtividade morfológica como uma noção absoluta – um modelo que pode ser tanto produtivo quanto não produtivo –, mas há um bom rol de evidência para a existência e a utilidade de casos intermediários, que não é de interesse estrito deste trabalho. Assim, assumimos provisoriamente que afixos podem se diferenciar continuamente em termos de produtividade, ao invés de recaírem somente em categorias polares de

completa produtividade ou completa improdutividade, para as quais alguns linguistas têm restringido a discussão.

À parte considerações quantitativas, há fatores morfológicos qualitativos que são relevantes para a produtividade. Isso pode ser mais bem visto no exame de afixos rivais – afixos que são muito similares em suas condições semânticas e morfológicas. Consideremos sufixos que formam substantivos a partir de adjetivos no português. Muitos deles são mais ou menos produtivos dentro de um domínio morfológico restrito: é o caso de [-nte] em comparação com [-eiro]. Enquanto o primeiro é mais restrito em termos semânticos, o segundo tem o seu escopo mais ampliado, podendo aludir a uma avaliação negativa da atividade de alguém, como no caso de [bicheiro] e [peniqueiro]. Se voltarmos ao conceito original de produtividade mencionado acima, a extensão para a qual um dado afixo é usado na produção de novas entradas na língua pode ser real como também virtual.

A noção de frequência, que discutimos acima em relação ao bloqueio, está também relacionada à produtividade: quanto menos produtivo um modelo morfológico for, mais frequente será a média dos seus indivíduos membros. Mas a frequência é algo também importante na seleção das bases: um afixo menos produtivo é geralmente encontrado anexado a palavras-base de frequência mais alta que um afixo mais produtivo (ARONOFF, 1976). Isso faz sentido em termos do que sabemos sobre a conexão frequência e reconhecimento lexical: palavras com bases de alta frequência são de mais fácil cognição que palavras com frequência similar, mas com bases de baixa frequência (LAUDANNA and BURANI, 1985). É o caso da entrada-sufixo [-eiro] em relação à entrada-sufixo [-nte] com o traço semântico [agente].

Se afixos menos produtivos estão em desvantagem, eles então parecem se beneficiar da ajuda fornecida por uma base mais frequente, embora o mecanismo psicolinguístico exato por trás desse padrão não esteja claro.

Alguns estudiosos têm insistido em que o estudo da produtividade morfológica deveria propriamente se confinar ao estudo das palavras que são produzidas sem intencionalidade (ARONOFF, 1976). Isso exclui inteiramente o estudo da morfologia não produtiva, que se assemelha mais a formas marginais de criação de palavra como a formação por combinações (por exemplo, *bebemorar* como uma mistura de *beber* e *comemorar*) ou acrônimos (como *AIDS*, formado pelas letras iniciais do sintagma *Síndrome da Imuno-deficiência Adquirida*) sendo mais provável que intencional. Entretanto, os modelos

morfológicos seguramente produtivos são os mais acentuados num dado momento sincrônico de uma língua, motivados por fatores funcionais e estruturais, e parecem servir a uma função que nasce de sua acentuada produtividade.

Quando comparamos o conjunto de palavras formadas por meio de um afixo menos produtivo com um conjunto formado por um afixo rival no mesmo meio-ambiente morfológico, geralmente descobrimos que os significados do conjunto formado pelo menos produtivo são menos previsíveis, tornando o conjunto inteiro menos coerente semanticamente. Essa diferença de coerência persiste em palavras cunhadas recentemente: o significado de uma nova palavra formada mediante um afixo menos produtivo será menos assimilável semanticamente, fazendo da morfologia um componente recorrente entre os falantes para predizer o seu significado, enquanto o léxico atuaria de forma mais segura para o falante.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Neste artigo, estabelecemos diferenças entre morfologia e léxico no conceito de Entrada Lexical. Baseados sobretudo nos trabalhos de Aronoff delimitados ao longo das discussões, vimos como morfologia e léxico se articulam, e o papel que cabe a cada um desses componentes. Defendemos de forma subliminar, no decorrer deste breve percurso, que acreditamos em modelos de análise linguística que preconizam a existência de módulos de gramática interdependentes, pois estamos conscientes, no caso deste artigo aqui em particular, de que o léxico não vem sozinho na mente dos falantes – ele é também manipulado pela morfologia.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark & ANSHEN, Frank. Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: *The Handbook of Morphology*. Oxford-UK: Blackwell Publishing, 1998, 2001.

ARONOFF, Mark. *Word in Generative Grammar*. Massachusetts: The MIT Press, 1976.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

-
- BIDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria Linguística (teoria lexical e lingüística computacional) – leitura crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 2001.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BYBEE, J. & SLOBIN, D. I. *Morphological classes as natural categories*. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHAFE, Wallace L. *Significado e Estrutura Linguística*. Tradução de: Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sônia Veasey Rodrigues. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Tradução de: Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora da UNICAMP-EDUEL, 2001.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CRUSE, D.A. *Lexical Semantics*. Tradução livre: Braulino Pereira de Santana. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª Edição. São Paulo: Nova Fronteira, 1985, 1987.
- Dicionário de Francês: Francês/português, Português/Francês. 41ª Edição. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2001.
- FILMORE, Charles J. Em favor do caso. In: *A Semântica na Linguística Moderna: o Léxico*. Tradução de: Lúcia Maria Pinheiro Lobato. São Paulo: Francisco Alves, 1972, 1977.
- FODOR, Jerry A. Fodor & KATZ, Jerrold J. Estrutura de uma teoria semântica. In: *A Semântica na Linguística Moderna: o Léxico*. Tradução de: Lúcia Maria Pinheiro Lobato. São Paulo: Francisco Alves, 1972, 1977.
- HEIDI, Harley. *English Words: A Linguistic Introduction*. Cambridge: Blackwell Publishing, 2005.
- HOEY, S. *Semantics*. London: Longman, 2001.
- JAKENDOFF, Ray. *Morphological and semantic regularities in the lexicon*. *Language*, v. 51, n. 3, 1976
- JENSEN, J. T. & STONG-JENSEN, M. *Morphology is in the lexicon*. *Linguistic Inquiry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1992.

-
- KIM, J., Pinker, S., Prince, A., & Prasada, S. *Why no mere mortal has ever flown out to center field*. In: *Cognitive Science* (173-218), USA, Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- LAUDANNA, A. & BURANI, C. *Address mechanisms to decomposed lexical entries*. New York: *Linguistics Journal*, 1985.
- MACWHINNEY, B. *Pragmatic patterns in child syntax*. *Stanford Papers And Reports on Child Language Development*, 10,(153-165), 1975.
- MILLER, L. *Knowledge of Meaning*. Cambridge: MIT Press, 1982.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 35ª Edição, Revista e Atualizada. São Paulo: Editora Positivo, 2004.
- PALLETIER, M. & SCHUBERT, L. *An Introduction to Semantic Theory*. Cambridge: MIT Press, 1989.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa apresentada à Univ. de Coimbra. Coimbra: 1993, 1998.
- ROCHA, Luís Carlos da Silva. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- SANDMANN, Antônio. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTANA, Braulino Pereira de. *Gênero linguístico: semântica e função*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.